



Trabalho, Educação e Saúde

MEMÓRIA

<https://doi.org/10.1590/1981-7746-ojs2827>

O educador Carlos Rodrigues Brandão: morte ou vida?

Educator Carlos Rodrigues Brandão: death or life?

Educador Carlos Rodrigues Brandão: ¿muerte o vida?

Katia Reis de Souza¹ 

¹Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, Centro da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, Rio de Janeiro, Brasil.
katia.reis@fiocruz.br

Resumo

Neste texto celebram-se as ideias e o legado do educador Carlos Rodrigues Brandão, falecido, infelizmente, no dia 12 de julho de 2023. Para homenagear Brandão, optou-se por tomar como base a obra intitulada *O educador: vida e morte*, que completou 42 anos e serviu como inspiração ao título deste texto. Por certo, a distância do tempo não apaga o espírito do educador de vocação amorosa e libertária. Brandão era implacável ao tecer críticas às injustiças sociais, ao mesmo tempo que indicava saídas cotidianas para o trabalho educativo de cariz emancipatório. O pensamento de Brandão não feneceu; poético e divertido, permanece vivo e a florescer entre nós. Como na reflexão de Rubem Alves (1983, p. 17): “E o educador, morreu? Educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma estória a ser contada”.

Palavras-chave Carlos Rodrigues Brandão; educação emancipatória; pedagogia libertária.



Abstract

This text celebrates the ideas and legacy of educator Carlos Rodrigues Brandão, who unfortunately died on July 12, 2023. To honor Brandão, we chose to take as a basis the work entitled *O educador: vida e morte* (The Educator: Life and Death), which completed 42 years and served as inspiration for the title of this text. Indeed, the distance of time does not erase the educator's spirit of a loving and libertarian vocation. Brandão ruthlessly criticized social injustices while indicating daily outlets for emancipatory educational work. Brandão's thought has not withered; poetic and amusing, it remains alive and flourishing among us. As in the reflection of Rubem Alves (1983, p. 17): "And the educator, did he die? Educators are like old trees. They have a face, a name, a story to be told."

Keywords Carlos Rodrigues Brandão; emancipatory education; libertarian pedagogy.

Resumen

Este texto celebra las ideas y el legado del educador Carlos Rodrigues Brandão, fallecido lamentablemente el 12 de julio de 2023. Para homenajear a Brandão, optamos por basarnos en la obra titulada *O educador: vida e morte* (El educador: vida y muerte), que cumple 42 años y sirvió de inspiración para el título de este texto. Por supuesto, la distancia del tiempo no borra el espíritu del educador con vocación amorosa y humanitaria. Brandão fue implacable en su crítica a las injusticias sociales, al tiempo que apuntaba soluciones cotidianas para un trabajo educativo emancipador. El pensamiento de Brandão no ha muerto; poético y divertido, permanece vivo y floreciente entre nosotros. Como reflexiona Rubem Alves (1983, p. 17): "Y el educador, ¿está muerto? Los educadores son como árboles ancianos. Tienen un rostro, un nombre, una historia que contar".

Palabras clave Carlos Rodrigues Brandão; educación emancipadora; pedagogía libertaria.

Introdução

Neste texto celebram-se as ideias, o legado e as obras do educador Carlos Rodrigues Brandão que, infelizmente, faleceu aos 83 anos no dia 12 de julho de 2023. No entanto, seu pensamento não feneceu; ao contrário, permanece vivo e continua a florescer entre nós. Assim, para homenagear Brandão, optou-se por tomar como base uma obra organizada por ele intitulada *O educador: vida e morte* (Brandão, 1983), publicada pela primeira vez em janeiro de 1982, completando 42 anos, e que serviu como inspiração ao título deste texto. Trata-se de um compêndio que pode ser considerado um clássico na literatura da educação brasileira e que serve como referência a diferentes áreas, como educação, filosofia, antropologia e saúde coletiva. Na obra, ainda são autores, ao lado de Brandão, Paulo Freire, Marilena Chaui, Rubem Alves, Miguel Arroyo, entre outros. Trata-se de uma geração de pensadores nacionais que, como afirmou Freire (1983, p. 101) no livro, são aqueles e aquelas que se molharam nas águas da história e da cultura de seu povo e que escolheram estar ao lado dos oprimidos. Por certo, a morte ou a distância do tempo não os apagam.

Lembro-me das várias vezes em que assisti e estive com Brandão, o que inclui momentos nos quais atendeu a convites para participar de disciplinas e seminários com o tema da Educação Popular no campo da saúde coletiva. As salas e audiências nas quais Carlos Brandão participava costumavam ser bastante concorridas. Ele tinha algo de muito peculiar em suas aulas e conferências: além da impressionante erudição acadêmica e filosófica, era divertido e poético ao falar dos processos educativos e da pedagogia da própria vida. Dava gosto assisti-lo ao fazer reflexões sobre a prática da educação em conexão com o contexto social e político. Era implacável ao tecer críticas às injustiças e desigualdades econômicas, ao mesmo tempo indicava saídas cotidianas para o trabalho educativo de cariz emancipatório. Ele nos desafiava a pensar o cotidiano do trabalho pedagógico como 'ensinar-e-aprender', verbos indissociáveis,

faces do mesmo processo do trabalho do educador (Brandão, 1983, p. 73). De acordo com as ideias de Brandão, a prática tem precedência sobre a teoria, tal qual a tradição de educação popular preconizada por Paulo Freire (1978).

E, de fato, Brandão filia-se à linhagem de pensamento crítico no campo da educação em conjunto com Paulo Freire, contemporâneo e amigo, que possui como um de seus pressupostos principais a ideia de que as mudanças na realidade se constroem por meio de interações entre diferentes esferas do saber. Trata-se, pois, da aprendizagem pela experiência e pela convivência com o outro, gerando conhecimento coletivo com potencial para que floresçam transformações sociais (Brandão, 2003; Silva e Souza, 2014). De acordo com Brandão (1983, p. 75), o educador deve “escolher o seu lado e lutar por ele”.

Foi no livro *O educador: vida e morte* que Brandão registrou uma passagem da história da educação, especificamente na Grécia antiga, alusiva aos velhos escravos pedagogos que conduziam meninos e meninas a caminho da escola. O educador, escravo e substituto dos pais nobres, caminhava lado a lado dos meninos gregos e era cidadão do mundo e da cultura. Por meio da metáfora do educador, velho escravo pedagogo, Brandão (1983) nos aponta para o que se deseja ainda hoje na educação: tornar os processos educativos em interações humana afetuosas e, literalmente, em caminhadas dialógicas de mãos dadas, simbolizando o respeito, o cuidado e a confiança. Embora as abissais diferenças sociais estivessem presentes na clássica sociedade grega, Brandão não as ignorou e trouxe a análise da atividade do pedagogo-educador para os nossos dias no contexto histórico do modo de produção capitalista, como ‘trabalho’.

Nesse sentido, importa considerar, com Brandão (1983), o aspecto da exigência de os educadores(as) pensarem, de forma crítica e consciente, a sua atividade cotidiana e o seu próprio trabalho. Brandão propõe o permanente exercício da crítica política da educação, chamando atenção para as especificidades no trabalho político do educador. Complementarmente, em capítulo do livro *O educador: vida e morte*, Rubem Alves (1983) questiona: “E o educador, morreu?”. Respondendo em seguida: “Educadores são como as velhas árvores. Possuem uma face, um nome, uma estória a ser contada” (Alves, 1983, p. 17).

Assim, fica o convite para a leitura das obras de Carlos Rodrigues Brandão, por meio do acesso a parte de seu legado (vivo), no *website A partilha da vida* (Brandão, 1995). Lá é possível conhecer a sua biografia, trajetória acadêmica, baixar gratuitamente livros e outros escritos e, ainda, experimentar por meio do seu amplo trabalho o espírito do educador de vocação amorosa, libertária e caminhante.

Gratidão coletiva, Brandão!

Informações do artigo

Contribuição dos autores

A professora-pesquisadora Katia Reis de Souza é a única responsável pela elaboração deste artigo, o que abrange a concepção, pesquisa, redação, revisão e edição.

Financiamento

Não se aplica.

Conflitos de interesses

Não se aplica.

Questões éticas

Não se aplica.

Apresentação prévia

Não se aplica.

Referências

ALVES, Rubem. O preparo do educador. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 13-28.

BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

BRANDÃO, Carlos R. *Pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Carlos R. *A partilha da vida: livros e outros escritos de Carlos Rodrigues Brandão*. [S. l.]: Cabral Editora, 1995. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/>. Acesso em: 24 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos R. (org.). *O educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 89-102.

SILVA, Aline A.; SOUZA, Katia R. Educação, pesquisa participante e saúde: as ideias de Carlos Rodrigues Brandão. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 519-539, 2014. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00012>. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/1335>. Acesso em: 24 mar. 2024.